



DO SARUÃ: TRAJETÓRIA HISTÓRICA CULTURAL, SOCIAL E DOCÊNCIA DO PROFESSOR INDÍGENA BARÉ

DO SARUÃ: HISTORICAL CULTURAL, SOCIAL AND TEACHING TRAJECTORY OF INDIGENOUS PROFESSOR BARÉ

Joarlison Garrido Melo¹
Jeiviane Justiniano²

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nasci na região rural do município de Santa Isabel do Rio Negro, na Aldeia indígena Ilha da Maricóta, local habitado por indígenas pertencente ao povo Baré. No referido local, veio ao mundo o indígena Baré Joarlison Garrido Melo, cujo nome indígena é *Apigá Mirim*; segundo seus pais, o nome se deu devido as características peculiares apresentadas pelo pequeno homem quando criança. Falante da língua Nheegatú, atualmente com trinta e nove anos de idade, tem como pais biológicos Sonia Garrido Melo e José Pancrácio da Silva. Nesse contexto, também considero como meus pais o saudoso avô, em memória, Jonas Terêncio Melo, e a avó Hugulina Anhes Garrido. Tenho dois filhos, Gabriel Correa Garrido e Catarina Correa Garrido, com 17 e 8 anos de idade, respectivamente.

O meu período de infância foi um dos melhores e mais felizes se comparado à geração contemporânea. Tive o privilégio de ter dois pais e duas mães que muito me ensinaram, repassando os conhecimentos básicos do povo para que pudesse está inserido e praticando conhecimentos e saberes do povo no meio do povo. Vivi com

¹Gestor da Escola Indígena Baré Puranga Pisasú. Aluno do Curso de Especialização em Gestão de Projetos e Formação Docente, ofertado pela Universidade do Estado do Amazonas em parceria com a Secretaria Municipal de Manaus. E-mail: joarlison.melo@semed.manaus.am.gov.br

² Professora Doutora da Universidade do Estado do Amazonas, formadora do projeto Oficinas de Formação em Serviço da Secretaria Municipal de Manaus e da Especialização em Gestão de Projetos e Formação Docente, orientadora deste trabalho. E-mail: jjustiniano@uea.edu.br



meus avós e pais até os sete anos de idade, uma vida feliz e de grande aprendizado, somente saí de perto deles para conviver com meus pais biológicos em virtude de alguns acontecimentos da época: um deles foi o processo de migração da região para o baixo Rio Negro, onde hoje está localizada a comunidade indígena Nova Esperança, no rio Cuieiras, RSD Puranga Conquista.

Na ocasião, meus pais foram até meus avós me buscar para passar uma semana com eles na aldeia Boa Vista, local esse composto pela família de meu pai e, nessa ida com eles para passar a semana, estou até hoje, sendo que, nesse período em que subimos o rio, meus avós desceram em uma embarcação do Senhor Silvério Arago, cunhado do meu avó, que havia chegado na região para buscar uma parte do povo em uma pequena embarcação. Naquela época, a comunicação era difícil e, quando acontecia, era através de recados orais que geralmente demoravam dias para chegar ao destino e, assim, quando recebemos o recado era uma semana depois e não havia mais o que fazer. Fiquei triste, pois tive que ficar longe deles por mais de mês, esse fato ocorreu em fevereiro de 1990, por volta do mês de agosto do corrente ano meu, meu pai, avó Jonas Terêncio, retornou à nossa terra de origem para nos buscar. Então, nos preparamos para descer o rio, dessa vez, em uma embarcação que na ocasião fazia recreio B/M Sharlom; e, assim, viemos para a região em busca de melhores condições de vida onde pudéssemos ter atendimento nas áreas da saúde, educação e oportunidade para ter mais dignidade.

Nesse sentido, o autor Silva (2021) contextualiza que os povos indígenas têm em suas histórias, mudanças de lugares de convívios desde período mítico, seja motivada pelas guerras (quando ainda viviam em guerras), seja pela necessidade de alimentação, manejo e vigilância territorial. Como relatado anteriormente, foram vários os motivos que nos fizeram deixar a terra de origem e ocupar outro território que, um dia, foi dos nossos antepassados.



Apesar de o meu nascimento ter ocorrido na região Alto Rio Negro, minha terra de origem considero também a terra que tradicionalmente ocupamos nos dias atuais, pois, por aqui, há vestígio dos nossos antepassados Baré que, durante o processo da colonização, foram obrigados a deixar a região ocupada por eles como forma de resistência e, assim, podem existir até hoje. Nesse contexto, os povos que não fizeram isso foram extintos como os Tarumã, Manaó, dentre outros. De acordo com a profecia Baré mira iupirungá – origem do povo baré, segundo França (1999), em sua obra **Baré mira yupirungá**, “os barés perderiam seu território, mas um dia os seus descendentes voltariam a ocupar”, e não foi diferente. Hoje essa região é ocupada por comunidades Baré, vivendo da caça, pesca, turismo, artesanato e agricultura.

Assim, o pequeno *Apigá mirim* cresceu, adquiriu conhecimentos, valores e costumes do seu povo, mas, antes de tudo isso, o pequeno guerreiro Baré teve que travar uma luta pela vida. Quando pequeno, com dois anos de idade, sofreu *Saruã*, na linguagem Baré é uma forma de desrespeito à natureza e, muitas das vezes, é penalizado com a saúde; em alguns casos, com a própria vida. Segundo os mais velhos, é levado pelos encantados, nesse contexto, Pinto (*apud* MOTA, 2009) explica que os “encantados” são animados por forças sobrenaturais, distribuem-se nos domínios celeste, aquático e terrestre ou em lugares sagrados. São entidades reverenciadas nas sessões de pajelança indígena e nos cultos religiosos de matrizes africanas, personificados em espíritos ancestrais. Na ocasião, fui exposto ao pitiú do peixe pirara, uma espécie de tamanho grande, o meu pai avó era um bom pescador, sempre que saía para pescar dificilmente voltava sem peixes ou caças. Quando retornava, segundo minha mãe, avó Hugulina, íamos encontra-lo no porto de casa com maior alegria celebrando a fartura; logo, em seguida, os peixes eram tratados e ficávamos tomando banho, pulando no rio, porém não podíamos banhar ali perto devido ao pitiú-odor do peixe, e foi em uma dessas que caí no *Saruã*. Este jovem



guerreiro ficou extremamente debilitado com infecção intestinal, vômito, febre e não se alimentava, ficou desidratado e, por pouco, não perdeu a vida.

Nos dias em que aconteceu isso, um velho amigo do meu pai José, por nome de Mariano, sendo um conhecido pajé, estava subindo o rio e parou na aldeia, pois, segundo relatos, ele sentiu que ali teria alguém que estaria precisando de ajuda. Logo o papai foi até ele pedir ajuda e contar o que estava acontecendo; imediatamente ele disse que iria fazer o remédio e que o menino ficaria bom, pois os pajés tinham e ainda têm uma característica que somente os escolhidos possuem: pressentem acontecimentos, conseguem ver quais ajuda o enfermo precisa. Fez as mediações e trouxe, em uma folha, algumas ervas e raízes, preparou e fez o *mutawarí*, benzeu e pediu para dar de beber. Depois disso, fez um procedimento que os pajés fazem, realizar “chupos”, para extrair as impurezas.

Segundo relatos de minha mãe, ele realizou o procedimento em meu umbigo, saindo mucosa, era o *saruã*, o causador da enfermidade. Depois, fez *mutawarí* novamente e disse que logo o menino ficaria bem, também disse a meus pais que se não procurassem ajuda naqueles dias, certamente, os encantados me levariam e, assim, o pequeno guerreiro ficou bom e continuou a caminhada e o pajé Mariano subiu o rio.

OS CAMINHOS DA DOCÊNCIA

No início da vida acadêmica, o guerreiro Baré foi um dos primeiros alunos da turma inaugural da escola Municipal Boas Novas em sua fundação que hoje é a atual Escola Indígena Municipal Puranga Pisasú. Estudou nessa escola desde a primeira até a 4ª série do Ensino fundamental, tendo concluído no ano de 1999.

Como o passar do tempo, foi adquirindo conhecimentos e técnicas de caça, pesca, confecção de instrumentos de pesca, como remo, arco, flecha, Karawatana, dentre outros, com o saudoso tio, o avô Edézio Terêncio em memória. Esse período



foi extremamente oportuno, pois a forma como os saberes eram transmitidos, as metodologias utilizadas nos tornavam homens Barés autênticos e com autonomia. Todos os fins de tarde, íamos para o encontro, no terreiro de casa, ouvir os relatos de vida e os últimos acontecimentos que envolviam o povo, com as histórias de caça, de pesca e os planos para o dia seguinte. Costumávamos viver mais intensamente como povo: eu, meus irmãos, tia e tios amávamos esses momentos. As histórias só tinham pausa para o jantar, após continuavam e entravam pela noite, era muito gostoso esse momento, nossa imaginação era uma das mais evoluídas quando se ouvíamos as belíssimas histórias. Nossas vidas de crianças eram grandes simulações da vida de adultos, fazíamos roça, pescávamos, construíamos nossas casas, ou seja, era um treino para vida adulta, uma verdadeira pratica das inúmeras aulas de nossos pais.

Na época, quando terminei as séries iniciais, fiquei sem estudar por quatro anos em virtude de meus pais não terem condições financeiras para me enviar à grande cidade para dar continuidade aos estudos. A vontade de estudar era tanta, pois pensava em crescer na vida e contribuir com meu povo, sair e, um dia, poder retornar à comunidade. E foi assim, fui estudar no município de Novo Airão/AM onde fui recebido com muito carinho e atenção pelo senhor Anacleto, em memória, e pela senhora Tereza que me deram uma família e um lugar para morar, recebi apoio e incentivo para seguir os estudos. O senhor Anacleto também era Baré e eu gostava dos seus conselhos e pareceres para a vida que, costumeiramente, aconteciam após as refeições. Ele contava história e fazia relatos de sua vida quando jovem. Por lá, permaneci por um ano e depois segui para Manaus onde também o senhor Manoel Cardoso e a senhora Celina Cadena deram-me um lugar para ficar, apoiando-me no necessário, e uma família, sou muito grato a eles, pois lá aprendi muitos outros saberes. Eles são autênticos Barés, com muitas experiências de vida e muito contribuíram na minha formação como um Baré.



E, assim, fui estudando, quando foi, em junho de 2005, a comunidade me chamou de volta para ocupar um cargo de professor indígena que seria contratado pela Secretaria Municipal de Educação de Manaus (SEMED). Eu trabalharia na escola de origem, recebi o convite como desafio, uma oportunidade já sonhada antes de partir, pois seria uma questão de honra trabalhar como professor na escola onde fiz os primeiros anos escolares e poder contribuir com a revitalização da cultura, dos saberes Baré, dos costumes do povo, bem como no fortalecimento da língua indígena.

Em 2007, com 23 anos de idade, assinei o primeiro contrato com a Secretaria de Educação do Município de Manaus, exercendo até 2011, trabalhando com conteúdos curriculares e com os saberes indígenas. Foi uma conquista para a comunidade escolar, já que passou a se valorizar, trabalhando os conhecimentos e saberes milenares do povo na própria escola. Uma educação contextualizada fez a diferença e, hoje, a Escola Indígena Municipal Puranga Pisasú está bem pela oportunidade que nos foi dada, resultado de inúmeras reivindicações da própria comunidade escolar.

Por uma questão contratual, tive que sair, retornando novamente em 2013 para mais um contrato. Na ocasião, houve a substituição da diretora Maria Luiza, e fui convidado pela comunidade para assumir a gestão da escola, sendo esse um desejo da comunidade, aceita pela SEMED/Manaus. Desde então, estou na gestão da escola.

Faltava-me algo, queria continuar os estudos e, em 2014, houve o seletivo do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor), ofertado pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA), para formação em serviço, consegui uma vaga e fui para a universidade estudar, fazer graduação em Ciências Biológicas, período também de grande relevância. Lá, obtive grandes amigos e muitos conhecimentos que muito me ajudaram e ajudam no direcionamento das atividades pedagógicas enquanto diretor e na contribuição para o desenvolvimento de projetos



educacionais, geração de renda, turismo, dentre outros. Assim, em 2019, coleí grau agora, sou licenciado em Ciências Biológicas.

A SALA DE AULA COMO TERRITÓRIO DA DOCÊNCIA

Como relatei antes, em 2007, com 23 anos de idade, assinei o primeiro contrato com a secretaria Municipal de Educação de Manaus, exercendo a função de professor, trabalhando tanto com os conteúdos curriculares quanto com os saberes indígenas. No primeiro momento, foi um desafio, pois, naquele momento, tudo era novo, sala de aula, alunos, diários de classe, planejamento, postura de falar em público, essas inúmeras tarefas não eram rotineiras para mim naquele momento. Mas encarei com determinação, pois ali iniciava a realização de um sonho da comunidade escolar, passando a valorizar e contextualizar os conhecimentos e saberes milenares do povo na própria escola, uma educação contextualizada e diferenciada como era o desejo do povo.

Mas, para isso, seria necessário que o jovem professor incorporasse a nova profissão com ética e responsabilidade social. Conforme defende Andrade (2012), é preciso definir e construir princípios éticos que são fundamentais se queremos garantir os mecanismos necessários ao funcionamento e a manutenção tanto da igualdade quanto da diversidade.

Por isso, era importante que o jovem professor, além dos saberes adquiridos, promovesse a educação coletiva capaz de fortalecer os pilares baseados em princípios éticos. A carreira docente é recheada de desafios e, a cada conquista, uma realização, pois seguir a profissão com objetivo e estratégias certamente nos trarão bons resultados.

Poder contar a trajetória docente nos faz refletir o quanto crescemos e o quanto somos e seremos eternos aprendizes. Poder falar de nós mesmo na profissão que escolhemos é uma retrospectiva especial como já dizia Arroyo (2011) que alertava



como não seremos de todo infelizes se pudermos contar a nós mesmos a nossa história, bem como se nos for garantido o direito ao conhecimento de nós mesmos como profissionais.

Lembro-me que, na época, a professora titular era a Maria Luiza, em memória, dividíamos o horário com a turma, era única e multisseriada, ela trabalhava as áreas específicas e eu saberes indígenas e a língua Nheengatu.

Costumava, em minhas aulas, dialogar com os alunos, mudávamos a organização das cadeiras, fazíamos círculos ou arco e começava a contar histórias. A partir delas, trabalhava os personagens, produção textual, nomes dos animais em Nheengatu, cantava com a turma, era um momento de escolarização muito dinâmico e os alunos adoravam. Toda semana, planejava atividade de campo com temas específicos, produção de instrumentos musicais, armas, utensílios de pesca, dentre outros. Essas práticas e estratégias pedagógicas contribuíram na minha identidade docente, quem é o professor Joarlison Garrido na atualidade se deu muito em virtude desse processo do passado, tempo em que eu não sabia, mais ali estava sendo construída, além da identidade, uma carreira de professor indígena Baré, com suas ideias, saber, técnicas, tudo com muito entusiasmo. Concretizava-se ali a ideia de uma educação coletiva emancipadora.

Figura 1 - Alunos Baré – Educação Escolar Indígena



Fonte: Joarlison Garrido (2007).



Quando não íamos a campo ao encontro dos anciãos, os mesmos eram convidados para irem à escola para contar histórias, ministrar oficinas, partilhar saberes e experiência de vida. Esses momentos fortaleciam os saberes tradicionais e o desejo pela aprendizagem. Todos esses trabalhos realizados como professor indígena, voltados para os processos e projetos de educação escolar indígena, divergem daquilo que Arroyo (2011, s.p.) abordou em seu texto *Os professores e seus direitos a ter vez nos currículos: autorias, identidades profissionais*:

O termo aulista é a síntese: passar matéria, a tempo completo, sem outras atividades que nos desvirtuem dessa função nos tempos de aula. Uma exigência totalitária dirigida aos professores, que vinha de uma concepção conteudista do currículo. O resultado tem sido conflitivo: atender ou renunciar a atender os alunos, seus problemas, suas inseguranças, seus processos tensos de formação moral, cultural, identitária?

A pedagogia indígena Baré, ultimamente, tem pautado suas ações em processos coletivos, ou seja, foi preciso renunciar a velha educação tradicional, conteudista e atender à demanda e anseios dos alunos e da comunidade escolar, tornando-se, assim, um processo significativo.

Acredita-se que, dessa forma, o anseio da comunidade foi correspondido nas ações do professor que a própria comunidade escolheu, sendo este o responsável para desenvolver trabalhos envolvendo os saberes do povo, bem como os costumes, línguas e tradições. O resultado disso foi a revitalização, o fortalecimento e a reafirmação da identidade étnica através da língua, danças, costumes, crenças, valores, dentre outros aspectos da cultura.



Figura 2 - Práticas Pedagógicas Baré – Educação Escolar Indígena



Fonte: Joarlison Garrido (2007)

Vale ressaltar que essas práticas e saberes estavam adormecidos desde o processo de migração da região de Santa Isabel do rio Negro para essa localidade. Por anos, o povo deixou de praticar, quando saiu da terra de origem, muito em virtude do processo de adaptação ao novo local, e, sem dúvida, foi uma das maiores perdas coletivas para o povo. Hoje, vejo o quanto foi e está sendo importante aprimorar a ideia de uma educação coletiva, pois juntos sonhamos e juntos realizamos, ou seja, ninguém está fora da *Canoa-igara*. Dessa forma, foi possível revitalizar, trazer de volta e fortalecer cotidianamente esses saberes, costumes e tradições do povo por meio da educação.

TRAJETÓRIAS NA FORMAÇÃO CONTINUADA

Após o ingresso na Secretaria Municipal de Educação como professor, participei de formações continuada que muito contribuíram na aquisição de concepções teóricas sobre alfabetização, letramento, currículo, pedagogia de projetos, para que essas abordagens pudessem servir de base para o jovem professor na fase inicial da carreira, adquirindo conhecimento ajudaria nos afazeres pedagógicos. Mas para isso seria necessário entender o processo e como associar



teoria e prática. Nesse contexto, vale ressaltar a importância da educação autônoma, decolonizadora onde o próprio povo possa gerir seu projeto educacional, sendo o autor da própria história.

Segundo Wanzeler *et al.* (2021, p. 1080):

Esse deslocamento da formação de um centro hegemônico para um centro periférico, no caso da Universidade para escola é uma ação política anticolonialista, sob o ponto de vista científico e pedagógico, que tem como intencionalidade a aproximação entre universidade e escola pautada na democracia, na autonomia e na liberdade, com vista à experiência de uma justiça cognitiva e social, por uma sociedade mais justa, menos desigual, ética e solidária. É nessa perspectiva que assumimos a decolonialidade como modos de ressignificação didático-pedagógica da formação de professores (as).

Na ocasião, a primeira formação continuada foi a do curso de formação oferecido pela Secretaria Municipal de Educação, chamado de Manaó, que foi muito proveitoso, pois me ajudou significativamente no entendimento das atribuições da função docente, entendi que era necessário adquirir conhecimentos e técnicas para lidar com o contexto de sala de aula, foi um desafio. Entender a complexidade, a funcionalidade da escola e a sua função passou a ser prioridade e uma missão do jovem professor. Hoje consigo olhar para a história no início de carreira como professor e vejo avanços, conquistas, mas também desafios. Falando de escola indígena e de suas especificidades, desenvolver uma educação para a diversidade, intercultural, multilíngue, específica e diferenciada é de extrema complexidade, contudo o jovem professor participou efetivamente da construção que hoje chamamos de pedagogia Baré. Para isso, foi preciso entender a escola e o processo para se construir a escola e o professor que a comunidade escolar Baré sonhava.

Segundo Wanzeler *et al.* (2021, p. 1081):

Sistema vivo, complexo, implicado na diversidade e na pluralidade de sujeitos, ideias, pensamentos, sentimentos, culturas e cotidianidades. A escola é um espaço-tempo de vivências múltiplas que se dedica à educação de pessoas, com vista à formação de uma sociedade mais igualitária, justa e cidadã. Mas é preciso olhar para ela a partir da totalidade de suas experiências, seus problemas e suas potencialidades.



Durante o período do curso, éramos convocados duas vezes no ano para participar da formação oferecida no centro de formação da SEMED/DDPM. Durante um mês, era oferecida, além da formação a alimentação, a hospedagem, sendo essa formação muito importante, pois era a primeira como professor da qual eu participava e o mais interessante é que os nossos formadores davam ênfase nas temáticas, contemplando a Educação Escolar Indígena, técnicas para o ensino do Nheengatú e a importância que era para as comunidades envolvidas e, assim, aconteceu a primeira formação oferecida aos pioneiros da categoria de professor indígenas de Manaus.

Figura 3 - Formação Manaó – Semed/Manaus



Fonte: Joarlison Garrido (2007)

No ano de 2016, fui convidado pela Universidade Federal do Amazonas em parceria com a SEMED-MANAUS e Gerencia de Educação Escolar Indígena para ser professor monitor no curso *Saberes Indígenas na Escola*. Este curso também me fez ampliar conhecimentos na temática Educação Escolar Indígena e ajudar na sistematização das aulas teóricas juntos aos novos professores indígenas que, na ocasião, eram o público alvo, utilizavam os saberes do povo para alcançar os conteúdos das áreas dos conhecimentos como matemática, história, dentre outros, e



juntos discutíamos a importância do saber indígena e também a construção do currículo específico para as escolas indígenas.

A cada bimestre o grupo de professores se reunia para a formação que durava em média cinco dias. Eram professores de vários povos que estavam ali na busca de ampliação do conhecimento. Aquilo que se buscava na formação era saberes basilares para o entendimento e construção de uma escola transdisciplinar e intercultural.

Todos esses processos de entendimento e construção da escola indígena ou pedagogia indígena, constituindo a ideia de uma educação coletiva, se construiu e fortaleceu nas mostras pedagógicas dos professores indígenas de Manaus. Há anos os professores das escolas e dos espaços de saberes se reuniam para socializar as práticas e os resultados dos projetos pedagógicos comunitários dos povos envolvidos em dois, três dias. Eram momentos de muita partilha de saberes. Foi muito oportuno para a construção e entendimento do que se queria para educação dos povos no município de Manaus. Em todas as edições que a Gerência de Educação Escolar Indígena – GEEI, da Semed Manaus, promovia a Escola Indígena Municipal Puranga Pisasú estava presente juntamente com seus professores, anciãos e lideranças. Saíamos do campo do discurso da educação coletiva para a prática e vivenciávamos esse momento.

Vale enfatizar que, para o desenvolvimento do ano escolar, era discutido com a comunidade um tema do projeto a ser trabalhado coletivamente, isso desde os anos iniciais aos anos finais, sempre de forma coletiva e democrática. A comunidade junto com seus professores analisava uma problemática e, a partir daí, elaborava o projeto e esse de forma sistematizada era trabalhado em sala de aula e nos espaços não formais. Momentos únicos e de grande relevância para a comunidade escolar e a culminância do projeto sempre acontecia em dois momentos: uma na comunidade e



outro no encontro promovido pela gerencia de Educação Escolar Indígena – GEEI, que era a mostra pedagógica.

Figura 4 - Reunião para a escolha do tema do projeto societário



Fonte: Joarlison Garrido (2013).

Atualmente estou na gestão escolar da EIM Puranga Pisasú, cargo esse conferido a mim pela comunidade escolar e, neste contexto, vi a necessidade de mais qualificação técnica para lidar com o cargo de gestão que é tão complexo, porém prazeroso. É gratificante você ter autonomia para escolher projetos educacionais que têm relevância na formação dos pequenos Baré, aqui prezamos por uma gestão democrática, participativa e coletiva. Dessa forma, acreditamos que todos são membros efetivos do processo de construção da escola dos Baré.

Diante desse fazer árduo, foi necessário cursar a pós-graduação em Gestão e Supervisão Escolar, FAVENI- EAD, e atualmente estou concluindo a pós-graduação em Gestão de Projetos pela Universidade do estado do Amazonas – UEA e também em fase de conclusão da segunda licenciatura em Pedagogia pela Universidade Única –EAD.

Como em nossa escola não tem em seu quadro o pedagogo, é o diretor quem assume a coordenação pedagógica na orientação do corpo docente da escola e sempre que falta um professor também vai à sala de aula ministrar conteúdos e, assim, aproximar-se de seus educandos. A gestão escolar tem seus desafios, seja no campo estrutural, físico, seja nos recursos humanos, mas ser professor de sala de



aula é prazeroso, pois te propicia contatos e acompanhamento da aprendizagem, sendo um agente efetivo do processo.

Junto com o Professor Doutor Ademar Santos, elaboramos um material de apoio aos professores que ensinam o Nheengatú, Alfabetização e letramento, para os anos iniciais e disponibilizamos aos professores de outras escolas que ensinam a língua Nheengatu para que pudessem utilizar como material de apoio.

A ESPECIALIZAÇÃO GESTÃO DE PROJETOS E FORMAÇÃO DOCENTE

Cursar a Especialização em Gestão de Projetos e Formação docente foi oportuno, pois nos ajudou no entendimento do currículo e práticas docentes. Como estamos na fase de construção do currículo diferenciado e específico para escola indígena, este curso tem contribuído no entendimento e na clareza do caminho a ser percorrido, pois nos faz entender o quanto precisamos avançar no quesito avaliação, metodologia, currículo, projeto societários, utilizando o contexto indígena e saberes no ensino das escolas indígenas. O entendimento acerca das teorias educacionais que o curso nos proporcionou muito nos ajudou na elaboração da nossa própria pedagogia.

Acreditamos que esse curso teve grandes contribuições da universidade juntamente com seus professores para com as escolas indígenas de Manaus. Acreditamos também que é possível seguir o projeto de educação com autonomia, decolonizando o currículo nas escolas, dando ênfase e importância aos saberes e ciências indígenas.

Segundo Alves (2003, p. 66):

Os trabalhos que se preocupam com o cotidiano da escola e com os diferentes modos culturais aí presentes partem, então, da ideia de que é neste processo que aprendemos e ensinamos a ler, a escrever, a contar, a colocar questões ao mundo que nos cerca, à natureza, à maneira como homens/mulheres se relacionam entre si e com ela, a poetizar a vida, a amar o Outro.



O saber ou ensino somente tem significado se este tiver em conexão com os envolvidos, é preciso que as ciências indígenas tenham ênfase na escola, que a mesma seja uma escola dos indígenas e não para os indígenas, como, por muito tempo, se pregou essa concepção de escola, desde o processo de colonização dos povos originários.

Com o curso Gestão de Projetos e Formação Docente, ofertado em serviço pela UEA em parceria com a Semed Manaus, tivemos acesso a grandes teóricos da educação que nos ajudaram a entender o processo e como estávamos encarcerados em ideologias educacionais colonizadoras. E o quanto precisamos sair desses cárceres e construir práticas pedagógicas e currículos próprios, assim, estaremos saindo de amarrações ideológicas educacionais e partindo para construção de uma ideologia própria dos Baré. Para Alves (2003, p. 66):

Aprendemos assim, nesse contexto, a organizar nossas ideias, aproximando-nos de uma *questão* que julgamos relevante ou de um *espaçotempo* que queremos mudar, traçando aquelas trajetórias que nos permitem “ir cercanda/o”, envolvendo-a/o com uma *tênue rede de pensamentos* que nos vão vindo a partir de *ações* que praticamos, de *articulações teóricas* que o diálogo com alguns autores nos vai permitindo e, ainda, de *articulações práticas* desenvolvidas no diálogo diário com outros *praticantes* do cotidiano.

Foram tantos os aprendizados e momentos de estudos durante o curso; nesse contexto, tivemos excelentes professoras. Guardarei todas elas com muito carinho e no cantinho do saber Baré, nos ajudaram a acordar e sair de um sonho opressor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que este memorial traz o relato e a trajetória de um professor indígena desde quando criança ao se tornar professor. Foram tantas as abordagens e lembranças quando pequeno e as recordações de quem foram os personagens efetivos de sua história. Momentos que envolveram saberes, relatos, lembranças e muitos momentos emocionantes. Não imaginaria que este memorial mexeria tanto



com minhas emoções. Em alguns momentos, viajei no passado e assim consegui entender mais o atual contexto social do meu povo.

Também pude ver o meu crescimento profissional como professor na obtenção de conhecimentos através de grandes teóricos da educação. Durante a especialização, todas as disciplinas ministradas pela professora Jeiviane Justiniano foram importantes no entendimento da complexidade de um currículo escolar específico.

Tudo foi oportuno e de grande valia para o meu crescimento profissional, sou grato pelo a oportunidade concedida primeiramente a Tupãna-Deus, pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA e não podia deixar de agradecer a todas as professoras e à coordenadora do curso. Minha gratidão – *kuekaturreté*.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Cultura e cotidiano escolar. **Revista brasileira de educação**, p. 62-74, 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/drzj7WstvQxKy7t5GssT4mk/?lang=pt>>. Acesso: 10 jun. 2022

ARROYO, Miguel. **Os professores e seus direitos a ter vez nos currículos**: autorias, identidades profissionais. 2a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

PINTO, Marilina Bessa. Notas sobre a Sociocosmologia da Amazônia: dos Encantados aos Waimahsã. **Novos Rumos Sociológicos**, v. 10, n. 17, p. 134-156, 2022. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/NORUS/article/view/23016>>. Acesso: 20 set. 2023.

WANZELER, E.B.P et al. Universidadeescola e a Descolonização do currículo de formação de professores e professoras: complexidade, transdisciplinaridade e decolonialidade. **Currículo sem Fronteiras**. v. 21, n. 3, p. 1071-1090, set./dez. 2021. < [/www.curriculosemfronteiras.org/vol21iss3articles/wanzeler-estacio-menezes.p](http://www.curriculosemfronteiras.org/vol21iss3articles/wanzeler-estacio-menezes.p)>. Acesso em 10 jan. 2022.